

GOTLIB, Nadia Batella. **Clarice**: uma vida que se conta. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

Diana Junkes Martha Toneto (UNAERP)<sup>1</sup>

O leitor deve estar se perguntando a razão de uma resenha de um livro que já vai pela sua 6ª edição. O motivo é simples: inesgotável, o trabalho de Nádía Batella Gotlib foi revisto e ampliado. Assim, entre esta edição e a 1ª publicada em 1995, pela Ed. Ática, há diferenças que vão além da nova capa dura, com a foto da escritora. São diferenças importantes, como a ampliação do material, acréscimo de informações, além da revisão do texto, cuja primeira versão foi apresentada como tese de livre-docência na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1993. Além disso, o livro sai quase ao mesmo tempo em que a mesma Nádía publica a **Fotobiografia** de Clarice, fruto de uma extensa pesquisa que levou a estudiosa até a longínqua Ucrânia, onde nasceu a escritora, que veio para o Brasil muito pequena para colher material biográfico, sobretudo fotos. Escrever sobre o livro, **Clarice**, uma vida que se conta, implica, a meu ver, e clariceamente, viver a experiência do apenas – ou melhor, a experiência do apenas alegria apenas. Alegria proporcionada pelo encontro com Clarice, naturalmente, mas também pelo encontro com Nádía que sempre foi alguém de quem estive próxima como estudiosa de literatura. Levantei dados sobre ela, sobre os estudos iniciais de literatura portuguesa, sobre o mestrado e o doutorado, sua brilhante carreira na Universidade de São Paulo e sua passagem por importantes universidades e institutos de estudos no exterior; averigüei a relevância de seus estudos sobre a mulher na literatura, sobre o feminino, algo tão indefinível e tão denso, ao mesmo tempo, linha de pesquisa sobre a qual a estudiosa se debruça há anos, tendo nos oferecido grandes contribuições. Também voltei a ler o volume *Prezado Senhor, prezada senhora*, organizado em parceria com Walnice Nogueira Galvão. Mas a Nádía que ali me surgia parecia não ser a autora de *Uma vida que se conta*.

Não quero aqui, de modo algum, correr o risco de magnificar Clarice em detrimento da igualmente instigante escritora Nadia Batella Gotlib; sim, instigante - e digo isso muito confortavelmente porque é a essa conclusão que a releitura do livro sobre Clarice me conduziu, pelas razões que brevemente tentarei expor. Devo confessar que não foi difícil encontrar esse caminho aléfico na própria obra de Nádía, guiada que fui pela incursão nas profundas águas clariceanas tão bem reveladas pela leitura que ela faz de nossa grande escritora e que permite a submersão na personalidade de uma Clarice que talvez ficcionalize a si própria e para quem a superfície das coisas é sempre inexaurível. Uma Clarice que hiperboliza a experiência pessoal, revelada nas cartas, que mostram também que a deriva interna de sua autora é quase dor física.

O livro revela uma Clarice de alma e...papel, principalmente de papel e alma, intensa palavra que irrompe nas entrelinhas das cartas. Ao ler o texto de Nádía, penso nesta mulher de papel a quem se chamou Clarice Lispector, penso nesta mulher cuja essência não era outra senão a palavra, a nomeação tateante daquilo que se afasta: a linguagem e, portanto, a afirmação da falta, a necessidade do desejo. Mas se encontro esta Clarice não é porque eu a

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutora em Estudos Literários pela UNESP/ Araraquara. Pesquisadora do Grupo AD- Interfaces (FFCLRP – USP/ Ribeirão Preto). Pesquisadora do Grupo CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada (FCL UNESP/ Araraquara). Docente da UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto, onde leciona Teoria da Literatura e Literatura Brasileira, na graduação e na pós-graduação, e coordena o Grupo de Pesquisa Teoria e Crítica do Texto Poético.

procure. Eu só a vejo e ouço através do discurso da crítica que se coaduna ao da escritora, feita personagem de si mesma: mas, não leio exatamente Clarice. Minha história de leitura lê a história de leitura de Nádia e é isso o que procuro: o tecido da crítica que sustenta os arroubos bordados de seu objeto. É porque acredito que Borges tinha razão quando escreveu que cada escritor cria seus precursores, que me dispus então a ler a obra de Nádia sobre Clarice, não para encontrar esta última, mas porque certamente veria nela as idiossincrasias de Nádia, suas escolhas, suas opções críticas, sua sensibilidade, seu olhar para algo que é inapreensível na totalidade: o universo de Clarice Lispector.

Assim, Na vida que se conta, há uma crítica que se conta, que se deixa contar, que interrompe o fio narrativo para revelar-se, para perguntar também ao leitor o que ela, habilmente, inconclui – não se busca verdade alguma sobre Clarice, o que se busca é uma apreensão de um objeto – Clarice, sob uma perspectiva crítica que é, também ela, não categorizável, talvez uma grande e peculiar crônica como disse Benedito Nunes sobre o livro. Nádia adota um procedimento crítico marcado pelo hibridismo, que resiste a rótulos do tipo “biografia” ou “estudo crítico”. Como qualquer outro discurso, o discurso da crítica literária é marcado por seus rituais porque vinculado a instituições e valores que os têm em mais alta conta; ou seja, há um modo de ser do discurso crítico que define um modo de estar do crítico diante do seu objeto. Os estudos críticos são, assim, uma arena em que se encenam as escolhas e recusas de quem os enuncia.

A voz da crítica é uma voz forte que se alimenta de outras vozes para autorizar leituras, categorizar, concluir, todavia, o tom híbrido adotado em “Uma vida que se conta” não é o tom da crítica apenas: transgressor como o próprio discurso clariceano que se propõe a examinar, permite-se a literariedade e isso o torna singular, porque bem escrito e porque mostra que de um lado existe um saber crítico que é o sim contra o sim do discurso de Nádia e que se faz presente, amiúde, nas análises sub-reptícias que percorrem o texto; mas de outro existe um fazer literário que se arroga o direito de um sinal de menos, ou de um “talvez” e é porque é talvez, suspensão, lance de dados que captura o leitor no universo da escritora em abismo, como se a palavra ali despenhasse – palavra não faça só lâmina como em Cabral, mas palavra despenhadeiro, como se Clarice nos dissesse “mergulhe como eu mergulhei”.

Poder-se-ia dizer que a biografia desmistifica o artista, humanizando-o, contando a sua vida de homem comum, mas Nádia, ao romper a fronteira do estudo biográfico, humaniza Clarice não porque a revele na totalidade e sim por mantê-la misteriosa; e porque envolvida por esta borda de real de impossível compreensão é que a sentimos mais humana e a ela, forçosamente, assemelhamo-nos. Se Clarice fosse mesmo personagem integral, nós a apreenderíamos por inteiro, mas é porque sua realidade nos vem em movimento caleidoscópico que a vemos em parte; vendo-a em parte, percebemos que somos também partes, inútil perseguir uma totalidade que nem a palavra pode preencher, embora talvez seja essa a sua função. Assim, nesse procedimento, em que o discurso crítico e o discurso narrativo-literário se atravessam, ao narrar Clarice, Nádia narra a função social da crítica, a qual, a meu ver, tal qual a da poesia, é um sério compromisso social com a língua.

Sim, porque se a função social do poeta, ou do escritor, em maior escala, é um compromisso com a língua, para manter viva esta última, renovada e questionada, como ensinou TS Eliot, a do crítico que lê o escritor é duplamente concernente à língua, porque garante, provavelmente, que a função do escritor seja bem-sucedida. Isso não tem nada a ver com explicar a obra ou a biografia do escritor, mas tem a ver com dar uma voz ao escritor e um espaço à sua existência, para que mais possa ser apreciado, desfrutado, amado ou odiado – a função do crítico é minar a apatia do leitor em relação à obra, ou minar a ingenuidade do leitor, por isso, sua função maior é perguntar, perguntar-se; não é simplesmente explicar, responder, ensinar – a leitura de uma obra basta-se a si mesma, a leitura da crítica faz com que a leitura da obra dependa também de uma ampliação de visão de mundo; o crítico ilumina a

obra, translumina, transforma o verbo vivido pela escritura do escritor em verbo entranhado no leitor porque o obriga a deslocamentos, ainda que este, pelas mais distintas razões, recuse a direção apontada pelo crítico.

Por isso afirmo que a leitura de Uma vida que se conta é, para mim, instigante: porque obriga a um repensar da obra de Clarice, obriga outra Clarice, não mais completa, embora talvez mais plena; não mais fácil, embora talvez mais próxima; não menos profunda, pelo contrário, mais abissal, mais imoralmente cruel, como talvez dissesse Nádía – é porque dá à obra clariceana e à Clarice liberdade, que o livro de Nádía é quase insuportável, não porque não se o possa suportar; insisto que ele é um exercício de elegância e de profundidade críticas, mas porque deve ser suportado por dentro, deve ser in-suportado, intestinamente, como o olhar de um búfalo no jardim zoológico, tenho que destemidamente olhar para a Clarice que Uma vida que se conta revela. Tenho que aceitar que sou, ao longo da leitura, sitiada, não só por Clarice, mas por tudo o que o discurso da crítica enreda. Nada de verdadeira Clarice, nada de fofocas biográficas ou grandes elucubrações sobre as influências que Clarice aceita ou nega – apenas uma mulher que se deixa contar, em parte, em suas cartas, em seus livros, armas contra as horas perigosas da tarde – e como Clarice as teve, como teve horas em que cuidar das coisas e das palavras à revelia delas era-lhe essencial. Como que se fundindo ao *ethos* da biografada, o discurso de Nádía se ergue leve e profundo, tão simples, tão certo, tão contundente. Quem tem medo de Clarice Lispector? Não temê-la é temê-la e se deixar angustiar por uma palavra sempre prenhe de sentidos, que vêm à luz pela dor do parto, dor da vida íntima que das palavras irrompe. É a renovação da experiência da leitura de Clarice que situa, que assalta e essa renovação ou reinvenção só é possível porque Nádía o assegura.

Ao ler o livro de Nadia Gotlib, não se aprende apenas mais de Clarice, aprende-se mais de literatura, aprende-se mais do direito à literatura de que nos fala Antonio Candido, como o direito ao sonho, que Azulay, citado na obra, assegura como um dos mais valiosos que temos; e o direito à compreensão do mundo em que vivemos. Inevitavelmente, com a leitura do livro, aprendo mais de mim mesma, porque a crítica é o exercício do questionamento e aprendo eu mais do ofício da crítica – aceito que a crítica não é a verdade, a crítica, como a obra de Clarice, não é o fato, mas a sua dispersão, o seu reverberar. Ao atribuir poder conceitual às imagens e às metáforas utilizadas por Clarice, o discurso de Nádía ganha plasticidade e maleabilidade. Na crítica, as suposições têm caráter instrumental; na literatura são constitutivas do próprio pacto discursivo. O hibridismo do texto dá margem a uma incerteza formal que inspira arranjos discursivos não usuais, como se o discurso crítico abrisse os ouvidos para os sussurros e os ruídos de fundo de seu próprio ritual e homenageasse o silêncio que perpassa a obra clariceana não com um falatório prosaico e descomprometido, mas com força poética e argúcia intelectual de quem entende que há um modo de estar no silêncio que significa e que em torno deste gravita a linguagem de Clarice, para quem não escrever era algo quase inalcançável, pois as palavras eram ,para a escritora, um mal necessário.

O livro de Nádía é uma demonstração de que literatura é uma forma de conhecimento, cuja apreensão vem de uma leitura que se aceita intervalar porque privilegia estruturas, repetições, contrapontos, pausas, andamentos que dizem mais de nós mesmos para nós mesmos. Coexistência de contrários, como amor e ódio na obra de Clarice, a obra de Nadia dá-nos acesso a Uma vida que se conta a partir de um rigoroso, sistemático e aprofundado trabalho de pesquisa realizado ao longo de anos de dedicação e estudo. Daí a intimidade de Nadia ao tratar do assunto; daí termos a sensação de que todos ali presentes entre cartas, entre textos, entre livros, são, em parte, personagens da narradora Nádía que lhes delega vozes conforme se prestem a uma função no corpo do texto; função esta cuja importância a crítica é quem define, na medida em que possam aclarar, iluminar, ampliar a visão da obra, não pelo retrato da vida; na medida em que possam ampliar a visão da vida, não pelo poder ilustrativo

da obra, mas num movimento de leitura em que o ser e estar no mundo da linguagem, típicos de Clarice são privilegiados, é a linguagem de Clarice que fala mais alto; é a sua poética da desistência que se impõe em linguagem como se tudo o que tenha dito possa ser lido (e ouvido) como um prolongado enjambement. E se lembrarmos aqui de que para o Agamben de *Idéia da Prosa* o enjambement é a catástrofe do verso, pode-se pensar nessa vida que se conta sempre à beira do indecível como algo à beira da catástrofe, experiência limítrofe que recupera a força no verso, nas cartas, na passagem seguinte e assim sucessivamente. Penso que Nádia soube manter essa tensão em sua obra, não no sentido de suspense, é claro, mas no sentido de hesitação rítmica tão cara a uma escritora que prezava o som de violinos.

Som de violinos ou chuva fina, a leitura deste **Clarice**: uma vida que se conta não poupa o leitor do aprendizado de Clarice, por isso ele é sitiado e por isso é renovada e reinventada a experiência da leitura: é a linguagem que evita (ou denuncia) o iminente flagelo da alma desvelado sob o olhar penetrante de um búfalo. Por isso a fantasia e o desejo são lugares dentro dos quais chove, porque são fluxos e como tais apreensíveis somente no périplo do texto-náufrago, do grande texto-espelho que foi a vida de Clarice. Mais do que buscar a compreensão da obra e da vida dessa autora, o estudo de Nádia mostra que a compreensão está na busca: é a travessia entre Sila e Caríbdis é o canto lancinante das sereias. Sabemos todos que é a descida ao Hades que torna grandiosa a viagem de Ulisses e não sua chegada a Ítaca. Nádia não nos dá uma Clarice pronta, mas, como um *aedo*, dá-nos uma viagem de Clarice em que se descobre que viver é preciso. Viver é preciso? Talvez, mas o que me fica, desta leitura intensa é que a liberdade é insuportável e entre cartas e silêncios, entre linguagem e passagem, a grande lição da escritora permanece: desejar é preciso, mas o desejo ainda não tem nome.